

A Revista *Light* na construção do ideal de trabalhador na década de 1930

Light Magazine in the construction of the ideal worker in the 1930s

Guilherme Fernandes Reis das Chagas*

Resumo: A proposta do presente artigo é apontar a relevância e os objetivos da *Revista Light* (1928-1940), da empresa *The Rio de Janeiro Tramway, Light and Power*, em seu projeto de formação dos seus trabalhadores na década de 1930. A revista era destinada e distribuída gratuitamente aos trabalhadores da empresa, que tinha sua sede no Rio de Janeiro, mas possuía uma rede de mais de 20 mil funcionários espalhados para além da capital federal. Entre outras intenções, ela imprimia um canal de diálogo e discurso interno na formação do protótipo de trabalhador ideal, alinhado a uma proposta de valorização do trabalho e à harmonização entre as classes sociais.

Palavras-chave: Revista Light, trabalho, imprensa.

Abstract: The purpose of this article is to point out the relevance and objectives of Light Magazine (1928-1940), from The Rio de Janeiro Tramway, Light and Power, in its project to train its workers in the 1930s. The magazine was destined and distributed free of charge to the workers of the company, headquartered in Rio de Janeiro, but with a network of more than twenty thousand employees spread beyond the nation's capital. Among other intentions, it created a channel of dialogue and internal discourse in the formation of an ideal prototype of worker, aligned with a proposal for the valorization of work and the harmonization among social classes.

Keywords: Light Magazine, work, press.

* Mestre em História pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Professor de História na educação básica. E-mail: gui_chagas@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4791-1050>.

Introdução

QUANDO ANALISAMOS a comunicação entre a empresa e seus trabalhadores, seja numa fábrica brasileira na primeira metade do século XX ou em uma empresa do setor privado do século XXI, os interesses do aumento da produção e conseqüentemente da lucratividade são semelhantes, embora com outras estruturas simbólicas. Se antes o controle social do trabalho era bem mais perceptível e objetivo, com o aperfeiçoamento dos mecanismos de dominação, o indivíduo passa a acreditar que produz pelo seu próprio interesse, numa ação meramente espontânea e voluntarista: “vestir a camisa da empresa”, “trabalhar em equipe”; funcionários-operários começam a ser tratados como colaboradores. Elementos da esfera privada, como a família, passam a ser veiculados na construção discursiva pelos setores de recursos humanos para docilizar e harmonizar o processo de exploração do trabalho. Basta uma simples busca na internet para se deparar com o conceito de *endomarketing*, muito usual e com extensa produção bibliográfica no chamado mundo corporativo. Em resumo, o conceito é um aperfeiçoamento moderno de comunicação interna das empresas para aproximar a direção e os trabalhadores. Segundo seu criador Saul Faingaus Bekin, os objetivos seriam um novo desenvolvimento empresarial no relacionamento com o “público interno”, baseado na lealdade e na harmonização dos “colaboradores” para melhorar a sua imagem e valor de mercado.¹

A comunicação interna da empresa com seus trabalhadores desempenha um papel central nesse processo. Alinhada às expectativas da direção, a comunicação é o meio fundamental para o projeto de construir um corpo único entre a direção e os trabalhadores, mesmo que estes tenham anseios e interesses contrários. Como apresenta a pesquisadora Cláudia Nociolini Rebechi, ao citar outros autores como Bernard Floris (1996) e Stéphane Olivesi (2006), essa preocupação efetiva com a comunicação, voltada exclusivamente aos trabalhadores, ao difundir que os princípios e os propósitos da empresa possam ser as mesmas aspirações que os trabalhadores, passa a aparecer apenas na década de 1970.² É possível que nesse momento, a comunicação interna das empresas tenha sido potencializada de acordo com as transformações na esfera do trabalho, mas a centralidade da comunicação como forma de controle das forças produtivas não é um fenômeno exclusivo da segunda metade do século XX.

O IDORT (Instituto de Organização Racional do Trabalho), por exemplo, fundado em 1931 em São Paulo, surgiu no sentido de pensar e administrar cientificamente o controle do trabalho; além de incorporar os trabalhadores na lógica competitiva do capital, era necessário enfraquecer os movimentos espontâneos dos trabalhadores, que buscavam melhores

1 BEKIN, Saul Faingaus. **Endomarketing**: como praticá-lo com sucesso. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2004. p. 47.

2 REBECHI, Cláudia Nociolini. **Prescrições de comunicação e racionalização do trabalho**: os ditames de relações públicas em diálogo com o discurso do IDORT (anos 1930-1960). 2014. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicações e Artes. Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2014, p. 38.

condições de vida.³ A origem e a trajetória do IDORT mostram a importância dada à harmonia social no trabalho para o desenvolvimento econômico que atenda aos interesses da classe empresarial.⁴ A questão principal é, além do desenvolvimento de técnicas e mecanismos produtivos, quais medidas de convencimento seriam necessárias para atenuar as tensões dentro do mundo do trabalho. A *Revista Light* parece ter sido uma das ferramentas pioneiras de comunicação interna como método no esforço de construção da conciliação entre as classes sociais.

A *Revista Light*, apresentada no presente artigo, da empresa *The Rio de Janeiro Tramway, Light and Power*, foi um periódico mensal distribuído gratuitamente para os seus mais de 18 mil empregados. Ela funcionou como um canal de comunicação interna, que além de informes, como a abertura de novos departamentos, as atividades de lazer, também se preocupou com a construção relativa ao comportamento operário no cotidiano da empresa. Entretanto, antes de adentrarmos a *Revista Light* e suas composições, é importante compreender muito brevemente a estrutura da empresa e suas relações com o Estado na década de 1930.

Desde 1899, o Grupo Light de investidores estadunidenses, britânicos e canadenses, com sua sede em Toronto, no Canadá, mantinha o monopólio no setor de energia, especialmente em São Paulo e no Rio de Janeiro. Além da iluminação pública e da distribuição de gás, o grupo também fornecia serviços de transporte e telefonia, centralizados principalmente no Rio de Janeiro e em São Paulo. Nas primeiras décadas do século XX no Brasil, os municípios e estados tinham autonomia na negociação de concessões e contratos com as empresas estrangeiras, sem a necessidade de alguma regulamentação nacional.⁵

A alta hierarquia da empresa no Brasil, nos anos de 1930, era formada essencialmente por chefes estrangeiros, especialmente dos seus escritórios sedes; nomes como Alexander Mackenzie e Miller Lash Couzens (presidente e vice-presidente da *Brazilian Traction Light and Power*), A.C. Sylvester (vice-presidente da Light do Rio de Janeiro) H.L. Banfill (engenheiro-chefe), J.H. Smeaton (superintendente do Departamento de Eletricidade), C.A. Barton (superintendente do Departamento de Tração e Oficinas) foram personagens acompanhados constantemente pela *Revista Light*. O grupo desenvolveu uma rede multinacional presente em outros países da América Latina como o México, Cuba, Porto Rico, Panamá e Guatemala, por exemplo. A Light, como ficou popularmente conhecida, era mantida e incorporada em 1905 pela *holding Brazilian, Light and Power*. No final da década de 1930, o crescimento da empresa era bem perceptível nos números: a Light produzia 330 MW, algo em torno de 44% de toda a capacidade instalada no Brasil, quase metade dela no eixo Rio-São Paulo.⁶

3 ANTONACCI, Maria Antonieta Martines. Institucionalizar ciência e tecnologia – Em torno da fundação do IDORT (São Paulo, 1918/1931). *Revista Brasileira de História*, v. 7, n. 14. São Paulo, mar./ago. 1987, p. 62.

4 REBECHI, op. cit., p. 43.

5 BASTOS, Pedro Paulo Zahluth. A construção do nacionalismo econômico de Vargas. In: BASTOS, Pedro Paulo Zahluth; FONSECA, Pedro Cezar Dutra. *A Era Vargas: desenvolvimentismo, economia e sociedade*. São Paulo, Unesp, 2012. p. 275.

6 CORRÊA, Maria Letícia. *O setor de energia elétrica e a construção do Estado no Brasil: o Conselho Nacional de Águas e Energia Elétrica (1939-1954)*. 2002. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense,

Ao pesquisar profundamente o perfil do operário da Light entre 1900 e 1935, João Marcelo Pereira dos Santos mostrou a diversidade desses trabalhadores. Por conta da construção, manutenção das redes elétricas e de gás, a Light contava com muitos trabalhadores fora do espaço da fábrica, que faziam a maior parte do trabalho na rua; a oficina seria apenas um lugar de passagem, das ordens de serviço do dia, das trocas de peças e ferramentas. A empresa contava com uma série de operários vinculados ao transporte, como fiscais e os responsáveis pela limpeza dos bondes; também mantinha os trabalhadores nos escritórios, como no Departamento de Contas com seus distribuidores, datilógrafos, escriturários e taquígrafos, estes somando mais de 2.000 trabalhadores.⁷

A passagem para a década de 1930 é caracterizada por uma mudança política e econômica estruturalmente significativa em relação às décadas republicanas anteriores. A elite republicana liberal não conseguiu transformar as questões sociais conflitivas em um avigoramento político, determinante para o progresso do país na lógica mundial, mantendo ou acentuando o afastamento entre o Estado, o empresariado e os trabalhadores. As críticas cada vez mais intensas dos intelectuais após a Primeira Guerra ao liberalismo republicano, considerado um modelo inadaptável à realidade nacional, mais a ineficácia das medidas do Estado na crise de 1929, contribuíram para o afastamento radical do sistema político e econômico vigente.⁸ Como mostra Délia Beatriz Espina, as medidas econômicas tomadas pelo governo brasileiro, como a interrupção entre 1929 e 1932 do pagamento dos serviços da dívida externa e a elevação das tarifas alfandegárias, agravaram e aprofundaram a crise, especialmente para as subsidiárias de empresas estrangeiras.⁹ O resultado foi a mudança do paradigma em torno do papel do Estado no contexto político e econômico.

Segundo Pedro Paulo Zahluth Bastos, a adesão ao projeto que será chamado de nacional-desenvolvimentismo, ou seja, “a vinculação do interesse nacional com o desenvolvimento, ativada pela vontade política concentrada ao Estado”¹⁰ teria que lidar com as empresas estrangeiras que já detinham o monopólio de setores estratégicos, como o Grupo Light, por exemplo. Controlar ou regular as atividades de empresas de capital estrangeiro como a Light exigiria do Estado varguista uma disposição para conflito.

Como apontou Ricardo Maranhão, o declínio de grandes empresas de serviços públicos, que ocupavam uma posição de destaque em escala mundial, foi intenso após a Segunda Guerra Mundial, o que facilitou a intervenção crescente do Estado na área energética em

Niterói, 2002. p. 89.

7 SANTOS, João Marcelo Pereira dos. **Os trabalhadores da Light São Paulo, 1900-1935**. 2009. 253 p. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP, 2009. p. 52.

8 GOMES, Ângela de Castro. Autoritarismo e corporativismo no Brasil: o legado de Vargas. In: BASTOS, Pedro Paulo Zahluth; FONSECA, Pedro Cezar Dutra. **A Era Vargas: desenvolvimentismo, economia e sociedade**. São Paulo, Unesp, 2012. p. 73.

9 ESPINA, Délia Beatriz. O papel das empresas multinacionais na industrialização periférica: um estudo da trajetória da IMB. In: SZMRECSÁNYI, Tamás J. M. K.; MARANHÃO, Ricardo F. A. (org.) **História de Empresas e Desenvolvimento Econômico**. São Paulo: Hucitec/Fapesp/ABPHE, 1996. p. 342.

10 BASTOS, op. cit., p. 55

escala mundial.¹¹ No Brasil, mesmo nesse período turbulento para essas empresas, a Light, assim como a Amforp (*American and Foreign Power Co.*) – empresa vinculada aos acionistas da norte-americana General Electric – não tiveram uma queda no conjunto de investimentos, mas apenas uma reorientação, chegando até a “manter um patamar mínimo de produção de energia capaz de mantê-la dominante nos serviços de distribuição”.¹² Dados apontam que a Light consolidou sua liderança no setor de energias no Brasil aumentando sua capacidade instalada para 980 MW em 1950, ou 52,1% do total do país.¹³ Entretanto, como aponta Maranhão, isso custou uma política de “abrasileiramento” da Light na década de 1950, por exemplo, especialmente na mudança de sedes da empresa para o Brasil.¹⁴

A Light era uma empresa estrangeira de capital canadense, mas segundo as páginas do seu periódico, a *Revista Light*, a empresa manteve um esforço de não se confrontar abertamente com esse nacionalismo de Vargas, ao contrário, argumentava que a empresa fazia obra boa para os interesses nacionais, especialmente na formação dos trabalhadores. As palavras de Barton, chefe do Departamento de Tração e Oficinas, também responsável pela Cidade Light – complexo das oficinas Light do Rio de Janeiro – mostra o esforço da empresa em se alinhar com essa nova questão nacional:

Construir no Brasil a maior e mais perfeita oficina da América do Sul, fazê-la produzir de modo a evitar a evasão do outro pela importação de artigos estrangeiros; dar trabalho aos brasileiros é ou não é servir ao progresso do Brasil, é ou não é fazer obra nacionalista?¹⁵

Entretanto, é importante esclarecer alguns conflitos no que diz respeito às chamadas leis trabalhistas ou sociais. Como aponta Ângela de Castro Gomes, as reações às novas normas de sindicalização, com o Decreto nº 19.770, de 1931, foram intensas tanto no meio operário quanto no meio empresarial.¹⁶ Tudo indica que a Light, assim como o setor empresarial em geral, teve dificuldades em aceitar as medidas trabalhistas nos primeiros anos do governo de Vargas. Segundo Maria Célia Paoli, os empresários e a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP) “rejeitam sistematicamente o poder contratador e fiscalizador dos sindicatos operários” durante esses primeiros anos.¹⁷

Os levantes grevistas em abril e maio de 1932 deixaram mais visíveis os embates que a Light tinha com os decretos trabalhistas do governo provisório. Várias categorias entraram em greve: os estivadores de Santos, operários das fábricas de calçado e ferroviários de São

11 MARANHÃO, Ricardo. Estado e capital privado na eletrificação de São Paulo. In: SZMRECSÁNYI, Tamás J. M. K.; MARANHÃO, Ricardo F. A. (org.). **História de Empresas e Desenvolvimento Econômico**. São Paulo: Hucitec/Fapesp/ABPHE, 1996. p. 382.

12 Idem, p.384

13 CORRÊA, Maria Letícia. Light. (verbetes). Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro da Primeira República (1889-1930). Rio de Janeiro: FGV, 2011. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/LIGHT.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2021.

14 MARANHÃO, op. cit., p. 384.

15 Revista Light, set. 1932, p. 11.

16 GOMES, Ângela de Castro. **A invenção do trabalhismo**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. p. 163.

17 PAOLI, Maria Célia. Trabalhadores e cidadania, experiência do mundo público na história do Brasil moderno. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 3, n. 7, p. 53, set./dez. 1989.

Paulo e, especialmente, as intensas paralisações dos operários de bondes da Light do Rio de Janeiro, organizadas pelo Centro dos Operários da Light e Companhias Associadas, o que gerou uma forte repressão da polícia carioca. A edição especial da *Revista Light* de maio expressa duras críticas à imposição das medidas trabalhistas, consideradas um erro infeliz do Ministério do Trabalho, mais especificamente na figura do ministro Lindolfo Collor.¹⁸

O jornal *Correio da Manhã*, que teve seu texto reproduzido na íntegra na *Revista Light*:

O próprio operariado sentiu o alcance de um gesto que lhe diminuía a possibilidade de reivindicações justas e compatíveis com o programa revolucionário. No seio da classe ecoou tristemente o gesto que a reduziria ao constrangimento de humilde pedinte, quando tomasse a iniciativa de pleitear direitos que um governo de reconstrução nacional de modo algum negaria. E ouviu-se o clamor surdo de milhares de indivíduos que já se consideravam irremediavelmente sacrificados.¹⁹

Foi especialmente na administração do novo ministro do Trabalho Salgado Filho, em abril de 1932, que muitas leis relacionadas ao trabalho foram promulgadas, inclusive na criação dos mecanismos institucionais como as Comissões e Juntas de Conciliação. É considerado um período fundamental na consolidação do Ministério do Trabalho como mediador dos conflitos entre o trabalho e o capital.²⁰ É também nesse momento que a Light passa a receber o Conselho Nacional do Trabalho, que eram inspetorias de fiscalização vinculadas ao Ministério do Trabalho. Os membros desse conselho tinham como objetivo assegurar a efetivação das leis trabalhistas; os fiscais que visitavam as empresas tinham amplos poderes e autonomia para intimar e multar. Também por esse motivo, a reação dos empresários foi de fato muito grande.²¹

A presença dos fiscais ou das decisões do Conselho Nacional do Trabalho geraram uma série de conflitos com a Light, como no caso do motoneiro José Augusto Lopes. Demitido pela sexta vez por indisciplina e pelo excesso de faltas, segundo o *Diário Carioca*, o operário, que trabalhava na empresa desde 1908, recorreu junto ao Conselho Nacional do Trabalho com um pedido de incapacidade para o exercício permanente do trabalho e teve que ser readmitido por decisão do conselho. O jornal, na assinatura de seu fundador, responsabilizava as reformas sociais por tal entrave, especialmente a questão sindical, tida como socialista:

O sindicalismo do Estado, que é a flor do socialismo moderno, se é um sistema para assegurar os direitos bem definidos da sociedade, resolvendo os problemas das classes, com justiça e generosidade, não é, nem pode ser, um método de indisciplina, de afronta e desordem. Cada indivíduo deve ter o seu direito definido na sociedade, e esta precisa dispor de órgãos que façam, com presteza e segurança, justiça aos membros mais desprotegidos. Essa é a parte moral do problema sindical, que não pode confundir com achincalhe ou denegação de autoridade.²²

18 *Revista Light*, maio 1932, p. 35.

19 *Ibidem*, p. 35.

20 GOMES, Ângela de Castro. **A invenção do trabalhismo**. Editora FGV, 2005, p. 164.

21 *Ibidem*, p. 165.

22 *Diário Carioca*, 1 jul. 1931, n. 923.

A Light contava com um setor jurídico especial voltado para a legislação social da Secretaria Legal da Light. Dois nomes importantes desse departamento, que acompanhavam as visitas do Conselho Nacional de Trabalho, eram Alcebádes Delamares – professor de Direito Administrativo da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro, nacionalista e conhecido na imprensa por ser um integralista convicto – e Antonio Gallotti. Este último era conhecido pela proximidade ao movimento fascista brasileiro, assumindo um dos postos de direção da AIB (Ação Integralista Brasileira), responsável pela área de relações internacionais. Gallotti chegaria até mesmo a assumir a presidência da Light em 1955, mas na década de 1930, especialmente até 1938 quando se afastaria da AIB, teve forte atuação no integralismo, chegando a ser, em 1934, um dos “professores dos cursos de doutrina integralista, inaugurados pelo departamento de doutrina da província da Guanabara”.²³

Chamado de “uma ação nefasta de dois chefes integralistas contra um trabalhador negro”, o jornal *A Manhã*²⁴ expôs mais um confronto entre a Light e o CNT. Segundo o jornal, o operário João Rolino Xavier havia sido demitido injustamente, em 1933, por “um simples capricho”, mas ao recorrer junto ao CNT, a Light foi condenada a reintegrar o operário e ainda pagar os salários em falta. A Light, com o auxílio dos “integralistas Delamares e Antonio Gallotti, conhecidos autores intelectuais de odiosos achincalhes aos negros e ao operário brasileiro”, teria conseguido arrastar o processo e impedir o pagamento ao operário.²⁵

Como apontou José Antônio Segatto, ao estudar os conflitos dos operários da Light de São Paulo na Primeira República, na década de 1930, com a presença do Estado com as leis e decretos trabalhistas, empresas como a Light usavam muitos desses meios de regulamentação a seu favor, o que não quer dizer que deixassem de utilizar “aqueles mecanismos repressivos, manipulatórios e de controle das organizações, movimentos, mobilizações ou quaisquer outros meios utilizados pelos trabalhadores contra a opressão e a exploração”.²⁶

É nesse sentido que a Light parece ter se aproveitado de alguns aspectos do Estado varguista; afinal, ambos aspiravam a harmonia entre as classes sociais e a idealização do trabalhador nacional. Foi no combate às tentativas de greves, na valorização da disciplina e do trabalho coletivo, na defesa da solidariedade interclassista, todos muito articulados e desenvolvidos na *Revista Light*, que a empresa se empenhou em anular e dissuadir os trabalhadores do embate social.

23 Disponível em: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/gallotti-antonio> Acesso em: 15 jan. 2021.

24 Foi um jornal carioca fundado em 1925 por Mario Rodrigues e encerrado em dezembro de 1929, possivelmente por ter sofrido pressões por conta da sua forte oposição à frente oligárquica de Júlio Prestes em 1929. Foi refundado em abril 1935 por Pedro Motta Lima, considerado um jornal comunista e porta-voz da ANL (Aliança Nacional Libertadora); sua duração, além de curta – foi fechado em novembro do mesmo ano –, não tinha nada em comum com *A Manhã* de Mario Rodrigues. Ver BRASIL, Bruno. *A Manhã*, jul. 2014. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/a-manha/>. Acesso em: 18 jan. 2021.

25 *A Manhã*, 2 jul. 1935.

26 SEGATTO, José Antônio. Relações e Conflitos de trabalho na Light de São Paulo. In: **História de Empresas e Desenvolvimento Econômico**. 2ª ed. revista. São Paulo: Abphe/Hucitec/EDUSP/Imprensa Oficial, 2002. p. 220.

Este trabalho se propõe em apontar o empenho dos editores e redatores da *Revista Light*, com suas escolhas de imagens, autores, notícias e informes, na construção de uma nova relação aparente entre chefes e trabalhadores, especialmente no esforço de convencimento de que os interesses diretos da Light eram também os interesses de todos.

A Revista Light – “Caro colega, essa revista é sua!”

Aos Companheiros de trabalho da Light!

Não se estima o que se não conhece: precisamos, pois, conhecermo-nos melhor uns aos outros para que nos possamos apreciar mutuamente e os laços de fraternidade tornem uma grande família todos os que trabalham na Light.

Para que cada um de nós possa bem sentir o valor do seu trabalho, parcela importante da cooperação geral para a boa marcha dos serviços da Companhia, indispensável se torna o conhecimento de todos eles e do objetivo superior desse grande esforço comum.²⁷

A revista, com o seu primeiro editorial “Caro colega, essa revista é sua!”, apresenta de forma objetiva suas intenções. Ela foi criada com a proposta, abertamente exposta, de aproximação entre os vários trabalhadores da Light; a formação de uma grande família solidária, cooperativa e fraternal, sem qualquer tipo de desvio ao desenvolvimento da empresa. A valorização do trabalho como um senso moral que uniria todos os trabalhadores.

Algumas reflexões sobre a imprensa e os periódicos como fontes históricas são necessárias. Como apontam as historiadoras Heloisa de Faria Cruz e Maria do Rosário, a revista ou o jornal – como forma – não nasceram prontos e definidos, mas são resultados de experimentações sociais e históricas.²⁸ No caso do Brasil, os periódicos, em especial as revistas ilustradas, estão associados ao processo de urbanização. Com o crescimento das cidades, entre o final do século XIX e fortemente no começo do século XX, a imprensa se fortalece nesse contexto cultural burguês também em uma disputa pelo espaço público.²⁹ É nesse cenário que novas temáticas e atores sociais se fizeram presentes, como autores e articuladores, na diversificação e difusão dos periódicos.³⁰ A própria imprensa se constitui com uma linguagem própria, que ocupa um determinado lugar social, que é indissociável da classe daqueles que a produzem. Por isso, é impossível compreender a imprensa e sua historicidade nesse contexto sem levar em consideração as relações do poder da burguesia com os processos de lutas por hegemonia do capitalismo.³¹ O periódico seleciona, ordena, organiza, hierarquiza, estrutura sua narrativa com imagens, charges,

27 Revista Light, jan. 1938, p. 2.

28 CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História**, São Paulo, n. 35, dez. 2007, p. 259.

29 CRUZ, Heloisa de Faria. **São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana 1890-1915**. São Paulo: EDUC/FAPESP/Arquivo do Estado, 2000. p. 82.

30 Ibidem.

31 CRUZ; PEIXOTO, op. cit., p. 257.

textos, capas, propagandas, de acordo com aquilo que ele considera digno de ser mostrado para o público.³²

Como lembrou Raymond Williams, os meios de comunicação não são apenas formas socialmente produzidas e reproduzidas, mas são principalmente meios de produção; nesse sentido, a comunicação e suas materialidades são resultado do trabalho humano diretamente relacionado a uma organização histórica determinada pelas relações produtivas e sociais.³³ A imprensa não está dissociada do lugar social em que ela se produz e muito menos da sua temporalidade, afinal, se não nos atentarmos para o ambiente das movimentações políticas, das relações sociais e educacionais, ela será simplificada entendida “meramente como uma fase na história da imprensa, do século dezanove ao vinte, determinada retrospectivamente por si mesma, pelas definições daquilo que a imprensa se tornou”.³⁴

Quando o periódico analisado é vinculado a uma empresa de capital privado, como a Light, alguns pontos precisam estar claros inicialmente: a *Revista Light*, como veremos, é uma criação do Departamento de Publicidade e Propaganda da empresa, por isso representa as estratégias da própria Light; a companhia apresenta, por meio do periódico, sua compreensão ideal de trabalho e de sociedade baseada na sua experiência de classe dominante. O periódico se utilizou de várias estratégias comunicacionais e modos de linguagem para se aproximar dos seus trabalhadores; nesse sentido, para entender seus propósitos, é fundamental analisar a estrutura e organização da revista. Como aponta Ana Luiza Martins, uma das primeiras tarefas do historiador que utiliza do periódico como fonte histórica é determinar sua tipologia, ou seja, “é definir a segmentação que a norteia, procurando inferir o público para o qual se dirige, identificando interesses, valores e técnicas de cooptação de mercado”.³⁵

No caso da *Revista Light* é importantíssimo ressaltar que ela era destinada totalmente aos trabalhadores da empresa, distribuída gratuitamente a eles, o que potencializaria a facilidade do acesso. Nesse sentido, a linguagem fotográfica, já comum nos periódicos brasileiros nos primeiros anos do século XX, não só colocaram os periódicos como sólidos meios de imprensa, mas transpuseram a linguagem escrita e atingiram também o público analfabeto. Junto com as ilustrações, fotografias, um maior tempo para a qualidade gráfica, as revistas passaram a ser consideradas mais atrativas ao público não afeito à leitura dos jornais diários.

O seu primeiro número contou com uma tiragem inicial de 4.500 exemplares, mas rapidamente já conseguia atender não apenas todos os seus trabalhadores, mas especialmente, cópias para seus familiares. Os jornais relatam que ela produzia algo em torno

32 LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 139.

33 WILLIAMS, Raymond. **Cultura e materialismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2011. p. 69-70.

34 WILLIAMS, Raymond, A imprensa e a cultura popular: uma perspectiva histórica. Ricardo B. Iannuzzi (tradução). **Projeto História**, São Paulo, n. 35, dez. 2007, p. 15.

35 MARTINS, Ana Luiza. Da fantasia à história: folheando páginas revisteiras. **História**. São Paulo, v. 22, n. 1, p. 59-79, 2003. p. 62-63.

de 45.000 exemplares no final da década de 1930. Estampava em seus números, com muito orgulho, que era uma criação “dos empregados para os empregados da Light”, discurso que fez parte da sua estratégia de aproximação entre os operários e chefes, além da consolidação do imaginário de um espaço coletivo comum.

A *Revista Light*, ou apenas “*A Light*”, como ela era chamada por outros meios da imprensa do período, existiu durante 12 anos ininterruptos (1928-1940), de periodicidade mensal, com um breve retorno entre 1950 e 1953, com apenas duas edições por ano. Além de retratar o desenvolvimento técnico dos produtos e das obras de grandes proporções na vida urbana de cidades, como o Rio de Janeiro e São Paulo, a revista mais se dedicou a tratar outras abordagens voltadas ao contexto social, inclusive sobre os hábitos comportamentais e a postura dos seus trabalhadores. Temas como práticas esportivas das mais variadas modalidades, a Escola Técnica da Light, o Centro de Escotismo, as visitas de autoridades dos mais diferentes postos do Estado – de vereadores, ministros, autoridades religiosas ao presidente –, contos literários de autores nacionais e estrangeiros, orientações e cursos para as leitoras, artigos de intelectuais e nomes importantes do jornalismo do período, trechos de jornais ou demais periódicos que comentavam sobre a Light, e especialmente, os próprios trabalhadores em relatos e entrevistas.

A *Revista Light* foi criada e editada pelo Departamento de Publicidade e Propaganda da empresa, que segundo seu subchefe Annibal Bomfim, em 1936, contava com 24 trabalhadores, com 3.500 ligações de chamadas telefônicas em média mensais. Ela foi dirigida durante a maior parte de sua existência pelo jornalista estadunidense Frederic Charles Scoville, formado em jornalismo na Universidade de Wisconsin, que possuía um certo destaque na área de propaganda e em jornais nos EUA. Ele tinha chegado ao Brasil em 1927, justamente para fundar um Departamento de Publicidade na Light. Segundo o jornal *O Imparcial*, a chegada de Scoville revolucionou o sistema de propaganda e imprensa no Brasil, já que ele “iniciou um sutil trabalho educativo”.³⁶ O jornalista estadunidense também teria se destacado por trazer a técnica da propaganda no contexto da imprensa brasileira, mas sempre, segundo o jornal *O Imparcial*, com a preocupação de preservar os valores nacionais na formulação da *Revista Light*, já que o Departamento de Publicidade e Propaganda da Light “tomou logo diretrizes completamente exatas, de acordo com a psicologia do brasileiro, revelando um conhecimento absoluto do nosso meio, das nossas tendências coletivas”.³⁷

Em um artigo assinado por Scoville, de 1936, para a *Revista Light*, com o título “Desvendando segredos profissionais ou confissões de um diretor de publicidade”, o chefe do departamento descreve o papel da publicidade no jornalismo para atrair a atenção do seu público. Segundo Scoville, mais do que chamar a atenção dos leitores, era necessário ter uma

36 *O Imparcial*, 11 jul. 1935, p. 3.

37 *O Imparcial*, 28 maio 1936, p. 29.

argumentação eficiente, despertar a curiosidade para praticar a persuasão e o convencimento do leitor:

Trata-se não mais de despertar a atenção e de fixá-la sobre um determinado ponto, mas de elaborar uma argumentação eficiente, para convencer o público da verdade do que lhe afirmam e da utilidade que lhe pode advir em atender aos conselhos que lhes são dados. É preciso mostrar ao público que a linha de ação a ele sugerida deve ser seguida pela forma recomendada.³⁸

Essa interlocução entre publicidade – como estratégia de convencimento – e a prática do jornalismo tido como imparcial e neutro, são elementos objetivos presentes no artigo de Scoville e no desenvolvimento dos números da revista. O técnico de publicidade, além de lógico, também deveria ter “aptidões de um psicólogo, porque de outro modo não conseguirá influenciar a parte do público que espera convencer”.³⁹ É importante destacar a relevância e a centralidade dada ao objetivo de atingir as subjetividades dos leitores, no caso os trabalhadores da empresa. Como afirma Cláudia Rebechi, a perspectiva das relações humanas, mais difundida e debatida a partir da década de 1940, levava em consideração que os trabalhadores deveriam ser compreendidos não somente nas suas questões materiais, mas nos seus sentidos, com necessidades psicológicas e sociais muito além do recebimento salarial ou das gratificações financeiras.⁴⁰ A *Revista Light*, na compreensão do seu editor e diretor responsável, já perseguia e cumpria esses objetivos com bastante eficiência.

A revista também foi editada e dirigida por Álvaro Guanabara, filho do prestigiado jornalista Alcindo Guanabara, durante os primeiros oito anos. Nas palavras do próprio Guanabara, a *Revista Light* teria sempre buscado a imparcialidade e o desinteresse com as vontades e vaidades da empresa, além da construção do espírito de união, afinal, “onde ele existiu cessam as lutas e tudo se conquista suavemente, sem atritos, pela justa conciliação dos interesses”.⁴¹ Outra presença fundamental foi o subchefe Annibal Bomfim, um nome importante no Instituto de Organização Racional do Trabalho, o IDORT,⁴² e na introdução das bases da racionalização do trabalho no Brasil, especialmente na década de 1950. Bomfim, que viria a publicar um livro com Azevedo Amaral, intelectual importante do período, em 1936, chamado *Publicidade comercial*, já tinha uma trajetória no jornalismo antes de entrar no Departamento de Publicidade e Propaganda da Light em 1927; passou parte da sua formação na Europa e foi correspondente do jornal *A Noite* em Nova York. Outros nomes como Henrique Pongetti, José Muniz de Albuquerque, Paulo Magalhães, Flexa Ribeiro e o famoso desenhista e caricaturista Calixto Cordeiro, que também contribuiu para *O Cruzeiro*

38 Revista Light, jan. 1936, p. 25.

39 Revista Light, jan. 1936, p. 25.

40 REBECHI, op. cit., p. 161.

41 Revista Light, maio 1936, p. E.

42 Organização criada por intelectuais, profissionais e empresários brasileiros, sobretudo paulistas, em 1931, e que se inspirava na suposição taylorista de harmonia entre empregadores e empregados através da organização racional do trabalho, em uma sociedade psicotécnica, do mesmo modelo que o movimento americano de Administração Científica. Ver VIZEU, Fábio. Idort e difusão do Management no Brasil na década de 1930. *Rev. adm. empres.*, São Paulo, v. 58, n. 2, p. 163-173, mar. 2018.

e *Zero Horas*, eram também conhecidos no jornalismo do período e colaboravam com frequência com a revista.

Os editores do periódico tinham trânsito fácil nos demais jornais. Com frequência, festas e almoços eram promovidos com a presença de jornalistas importantes do período como Álvaro Dias, Milton Meirelles, Luiz Bernardes e Herbert Moses, este último presidente da Associação Brasileira de Imprensa (ABI) entre 1931 e 1965. Moses foi considerado um perfil conciliador e de um posicionamento político ambíguo: ao mesmo tempo que criou a Comissão de Defesa da Liberdade de Imprensa, com o intuito de proteger jornalistas perseguidos durante o Estado Novo, também se aproximou de Getúlio Vargas no mesmo período, mantendo relações cordiais com o governo.⁴³ O “amável” Moses era uma personalidade muito presente na Cidade Light e elogiado pela revista; acompanhava frequentemente visitas de autoridades na empresa, como a extensa e detalhada visita do arcebispo D. Sebastião Leme na edição de julho de 1933, com a capa dedicada ao clérigo.

Em cada número, as primeiras páginas eram dedicadas aos contos literários, às crônicas, artigos e análises sociais dos mais variados autores nacionais, ou traduções de escritores internacionais. Nomes como o teatrólogo e escritor Carlos Maul, Raul Lellis, Benjamin Lima, o dramaturgo Mauro de Almeida, o escritor e contista Oscar Lopes, Roy Chanslor, E.M. Littell, Conan Doyle e do irlandês George Russell são alguns exemplos. Os temas variavam entre romances, ficções policiais e até mesmo, no caso do escritor e jornalista Carlos Maul, uma homenagem aos jesuítas. Maul, que escrevia frequentemente nos jornais cariocas na década de 1930, especialmente no *Correio da Manhã* e no *O Paiz*, era um forte crítico do modernismo, pois este, no seu entender, promoveria a estética comunista. Suas colunas no jornal *Correio da Manhã*, especialmente no contexto de 1935, eram fortemente marcadas pelo nacionalismo e autoritarismo, considerando tanto os imigrantes como a cultura estrangeira do período, perigosos e subversivos:

Nunca se publicaram no Brasil tantos livros quanto agora, com a etiqueta de que se destinam à cultura das massas. São na sua maioria obras de divulgação de doutrinas subversivas, quase todas traduzidas e postas ao alcance da bolsa do pobre. Elas fazem a sua safra de prosélitos de preferência no meio daqueles que não tiveram uma preparação humanística, ou não têm o espírito de análise.⁴⁴

Ao longo do seu texto, Carlos Maul menciona obras marxistas e freudianas como as grandes responsáveis em atentar contra a cultura brasileira. No artigo intitulado “A ordem social na ação de uma empresa”, Maul faz uma análise retrospectiva sobre a Light e seu periódico. Segundo ele, os operários da Light passaram por frequentes tentações desses elementos subversivos, dos riscos das “influências das inquietações do mundo, porta de entrada e

43 LENE, Hérica. Memória e história da comunicação: a participação da Associação Brasileira de Imprensa (ABI) no processo de profissionalização do jornalista. *Revista Brasileira de História da Mídia*, v. 2, n. 1, p. 24, 2013.

44 *Correio da Manhã*, 1 mar. 1935.

migrações heterogêneas provindas de todos os quadrantes da terra”,⁴⁵ mas graças ao método educativo da empresa, compreenderam que como parte do espírito coletivo, os danos que poderiam causar à pátria, especialmente em 1932, nas tentativas de greve, assim como em novembro de 1935 nos levantes comunistas:

Há ali [na Light] todo um processo pedagógico em ação para forjar caracteres e criar um estado de espírito, quase uma mística de dever social semelhante à mística do patriotismo que o soldado aprende na caserna.

Os frutos desse magistério exercido em suas oficinas simultaneamente com os afazeres cotidianos foram verificados no instante em que a surpresa de um golpe criminoso visava imobilizar as autoridades diante do irremediável da confusão. Viu-se esse operariado em forma, repelindo os traidores de seus compromissos, circunscrevendo a rebelião, isolando-a e esmagando-a em poucas horas, com a sua disciplina férrea.⁴⁶

A *Revista Light* cumpriria assim seu propósito central em propagar a generosidade, de dar bons conselhos e “ideias sadias” aos operários brasileiros, segundo Carlos Maul.

Nessa mesma perspectiva, o cronista e poeta Oscar Lopes, falecido em 1938, escreveu o artigo intitulado “Força e Ternura”. Nesse texto, o autor faz uma análise do papel inovador da *Revista Light* durante seus nove primeiros anos, especialmente da sua singularidade no mundo do jornalismo. Para Lopes, a *Revista Light* quebrava os cordões dos isolamentos sociais, raro nos demais meios de imprensa, pois agradava o industrial e o capital, mas também o operário e o trabalho. Ela teria um papel político de combate às forças subversivas, pois se construía no “entendimento recíproco entre as partes de um mesmo todo homogêneo”. Nesse sentido, a revista tinha um lugar de luta política contra aquilo que ele chama de “mal-entendidos mais ou menos maliciosos”:

Não esqueçamos que uma espécie de nevrose das mais estranhas afeta o organismo social moderno, trabalhando-o insidiosamente em todos os sentidos, uma satânica volúpia de perdição. Propagando-se dentro das sobras de impenetrável mistério, desafia os recursos de um contra-ataque e procura abalar os fundamentos do edifício tão custosamente levantado pela civilização. No seio de quantos povos o mal tem explodido com toda a força de sua mortífera virulência! Vem vistas as coisas que atualmente nos afetam a sensibilidade, não se deve pôr a suspeita de exagero no emprestar a um elemento de divulgação como este de que nos ocupamos a natural função de amortecedor e até de neutralizador de certas expansões indesejáveis. E essa espécie de higienização é obtida por processos indiretos, dentro da estrita normalidade, o que mais faz ressaltar a obra em apreço.⁴⁷

O patrão e o operário, graças ao exercício mensal da revista, realizam aquilo que ele chama de uma “fraternização franca, aberta, leal e sincera” em um processo de limpeza das ideias perigosas que incentivariam a luta de classes. O periódico conseguiria o êxito incomum na

45 Revista Light, jan. 1938, p. 74.

46 Ibidem, p. 74-75.

47 Revista Light, maio 1936, p. 56.

imprensa em desconstruir a desconfiança entre as classes sociais e forjar a unificação “em prol de um resultado de perfeição”.⁴⁸

Entre os anos de 1935 e 1937, a temática patriótica e anticomunista foi mais constante na seção de contos e novelas do que nos outros anos do período. No texto “Eu trabalhei na Rússia”, o ex-militante Andrew Smith⁴⁹ traz seu relato sobre as experiências como operário na URSS e seu desencanto com o comunismo. Segundo seu artigo-relato, durante dezesseis anos, foi um membro entusiasmado do Partido Comunista da América; ao visitar a URSS, em 1932, guiado pelo governo soviético, teria ficado animado em passar o resto de sua vida no país com sua esposa. Depois de três anos trabalhando como maquinista na Elektroavod, teria tido a oportunidade de conversar e conviver com os camponeses, operários e também participar de reuniões secretas do partido comunista soviético. Após a experiência do comunismo por dentro, teria se desencantado profundamente a ponto de revelar suas inquietações:

Quando deixei a União Soviética, no ano passado, depois de ter visto com os meus próprios olhos as condições sob as quais o povo russo é compelido a viver e a trabalhar, jurei que não descansaria jamais, até que tenha revelado a toda a gente o que vem realmente se passando nesta vasta senzala, que é a Rússia atual.⁵⁰

O texto, por ser um relato, busca se firmar em uma validação maior de veracidade, afinal, o estadunidense sempre teria sido um comunista puro que poderia naquele momento desmistificar o suposto “paraíso soviético” no seu interior por meio de sua própria experiência. O artigo detalhado e longo retrata desde os problemas das condições de trabalho, situação de miséria generalizada e até da ausência de liberdade e do autoritarismo predominante. Segundo Smith, seu relato extenso era um dever aos oprimidos operários e camponeses soviéticos, mas principalmente uma obrigação aos companheiros americanos para que assim “eles não sejam mais ludibriados pelos propagandistas dos comunistas que vivem confortavelmente nos Estados Unidos, enquanto os operários morrem de fome na utopia comunista”.⁵¹

Duas seções sempre colocavam o trabalhador comum em destaque: “Soldados do tráfego” e “Colaboração de nossos companheiros”. A primeira buscava retratar o cotidiano heroico dos motorneiros e fiscais dos bondes. Chamados pela edição de junho de 1935 de “voluntários da abnegação”, os motorneiros evitavam desastres, suicídios, brigas, assaltos, além de salvarem crianças e idosos sempre que colocados à prova. Como no caso do motorneiro Eduardo Guedes de Castro, que ao perceber que Conceição, de apenas oito anos de idade, tinha se soltado da sua mãe em direção ao bonde, “ia ficar sob as rodas do carro, mas o motorneiro, rápido, freou o veículo, arriando o salva-vidas”.⁵² O motorneiro José

48 Ibidem.

49 Esse texto é um curto resumo selecionado pela *Revista Light* do livro *I was soviet worker*, de Andrew Smith, publicado no começo dos anos 1930.

50 *Revista Light*, dez. 1936, p. 18.

51 Ibidem.

52 *Revista Light*, jun. 1935, p. 21.

Joaquim Fernandes, que salvou a vida de uma mulher que também teria tentado suicídio em São Cristóvão, no Rio de Janeiro, foi condecorado pessoalmente por Getúlio Vargas com a medalha da distinção criada em 1889, com o objetivo de reconhecimento de serviço pessoal prestado à humanidade. Por conta de metade dos casos desses atos “heroicos” dos condutores de bondes serem relacionados ao suicídio, a *Revista Light* tinha uma visão muito clara e fria sobre o tema. Para o periódico, o problema não era o suicídio e sim o método utilizado pelos cidadãos; lançar-se na frente dos bondes atrapalharia a cidade e as pessoas que precisavam se deslocar, por isso algumas crônicas, editoriais e um artigo, como na edição de agosto de 1935, enumeram os danos, a “vontade de dar de fazer aos outros”, que suicidas promovem ao contexto social:

1. Põe terceiros doentes que às vezes vão também à Assistência.
2. Atrasa os passageiros.
3. Interrompe o tráfego durante um largo tempo, e faz com que os demais veículos procurem outra saída dando para trás.
4. Faz trabalhar a Assistência, a Polícia, a Light e às vezes os Bombeiros.
5. Limpeza da rua.

Francamente o nosso herói muito bem podia se eliminar por menos.⁵³

A seção “Colaboração de nossos companheiros” era destinada exclusivamente a uma curta biografia de um trabalhador e sua trajetória na empresa, ou textos escritos pelos próprios trabalhadores. Como no caso de Snowball, apelido dado pelo chefe Mr. Billings, “o chefe democrata e bom”, ao operário negro Antônio Misael da Silva. Segundo a revista, Snowball seria “o preto de alma branca”, tido como parte do patrimônio da Light por ter passado pelo setor de obras em Ribeirão das Lages desde 1918, por Cubatão e no serviço de limpezas na Cidade Light na capital carioca; apresentado como um trabalhador simpático e agradecido aos seus chefes, que sempre foram bondosos, segundo o texto, assinado por Ozório Castro Pinto Barreto, do Departamento de Publicidade e Propaganda.⁵⁴ Essa seção é emblemática para compreender a importância que a *Revista Light* dava ao destacar os operários comuns com frequência em suas páginas: a formação do imaginário da ausência de distâncias hierárquicas e no fortalecimento de um corpo de trabalhadores único e orgânico.

A construção de uma narrativa de valorização do trabalhador, especialmente o trabalhador comum, nas páginas da revista, parece ser um dos grandes empenhos a que o periódico se propõe. Outra reportagem intitulada “A intimidade dos serventes” é uma descrição detalhada do dia dos “modestos serventes” dos escritórios da Rua Larga. Segundo a narrativa da revista, eles eram peças da organização administrativa tão importantes quanto os demais trabalhadores da empresa, zelosos e dedicados, por isso “são dignos de elogios”. Além de uma série de fotografias, o texto procura dar ênfase

53 Ibidem, ago. 1935, p. 13.

54 Revista Light, ago. 1935, p. 6.

para as falas dos trabalhadores, mostrando uma suposta satisfação nas atividades, todos cientes do seu papel:

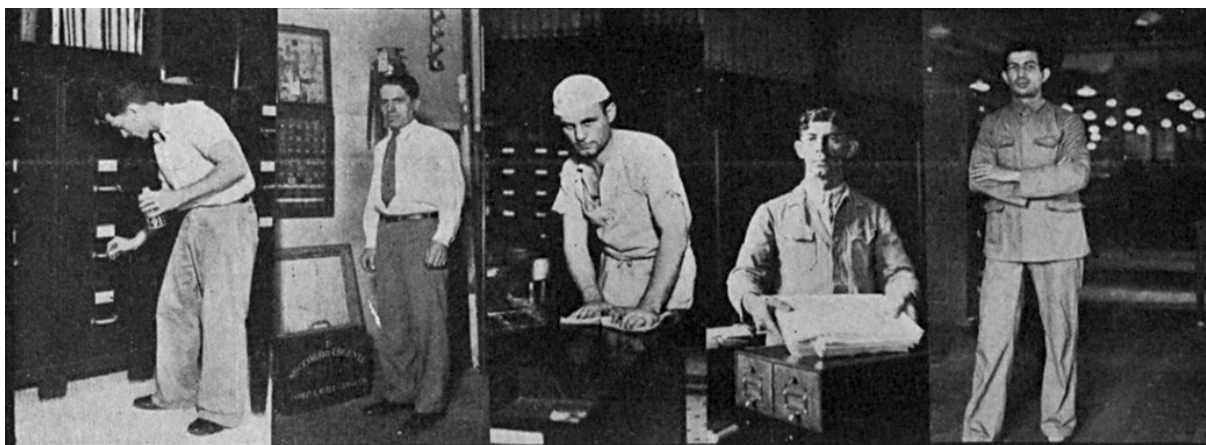
Todos sorriem... Satisfeitos plenamente... Parecem de mãos dadas ao destino porque ninguém lhes ouve um murmúrio sequer, contra a sorte...

A felicidade, disse um poeta, não é o muito que a mão alcança, mas sim o pouco que se tem na mão. E eles, os serventes dos escritórios da Rua Larga, parecem viver dentro dessa tão salutar filosofia, com a alma num reflorir constante de venturas...⁵⁵

Um ano depois, na edição de junho de 1935, uma nova reportagem é feita sobre serventes dos escritórios com a mesma forma, mas voltada aos trabalhadores da noite. É fundamental ressaltar que as fotografias ocupavam muitas vezes mais espaço nas páginas do que os artigos e as reportagens; carregadas de símbolos e sentidos sociais, as imagens, além de revelarem aquilo que não estava claro no texto, resumem também de forma didática e acessível a todos, inclusive aos não alfabetizados, a proposta do jornalista.

Existe um esforço e uma tentativa de naturalização e espontaneidade das representações dos operários sendo registrados no momento de trabalho, no registro do ponto ou se alimentando em um ambiente aparentemente organizado. Como aponta Ana Maria Mauad, ao estudar o papel da fotografia na imprensa, “o que aparenta naturalidade é, em suma, o resultado desse processo de investimento de sentido”,⁵⁶ nesse caso, o sentido da revista que propaga um padrão exemplar a ser copiado e seguido pelos demais trabalhadores.

Figura 1 – Da esquerda para a direita: Antônio Gonçalves Adra; Henrique Forli (feitor), Wihlm Holtschmidt (servente da Administração); Antônio Alcântara Macedo (servente da Secretaria Legal); Onofre Carvalho Damaso (servente da Engenharia Comercial).

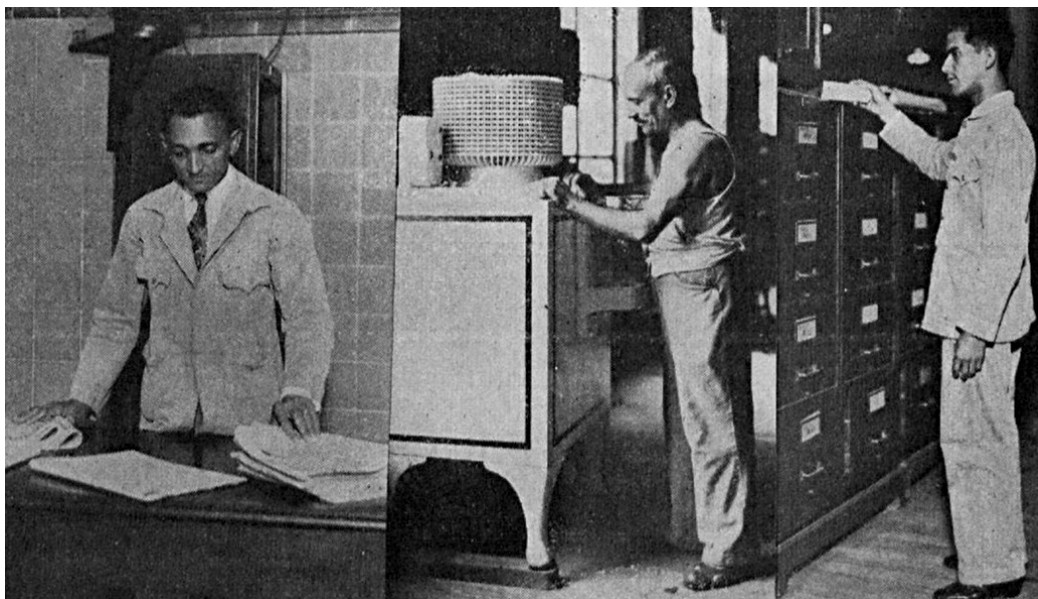


Fonte: Revista Light, jun. 1934, p. 19.

⁵⁵ Ibidem, jun. 1934, p. 17.

⁵⁶ MAUAD, A. M. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas na primeira metade do século XX. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 133-174, 2005, p. 151.

Figura 2 – Da esquerda para a direita: Odilson da Silva Ribeiro (contínuo da Administração; Antônio de Jesus (servente do Departamento de Engenharia. João de Mello Júnior (servente do Departamento de Eletricidade).



Fonte: Revista Light, junho de 1934, p.18.

No primeiro ano da revista, já era clara a longevidade da seção e da perspectiva da valorização do trabalho como um elemento de elevação moral. O texto escrito por Paulo de Souza Liz, trabalhador do almoxarifado central, se organiza na ideia do trabalho como felicidade e realização humana:

Enquanto se trabalha não se tem maus pensamentos, não se praticam más ações. É ele, assim, o símbolo da dignidade e o único veículo que conduz à paz, à ventura, à felicidade enfim.

O ocioso é uma figura imperfeita vagando no cenário da vida. Dele nada se espera porque suas ações são dirigidas pelo seu cérebro doentio.⁵⁷

O discurso de valorização do trabalho juntamente com a proposta de conciliação dos conflitos na fábrica são a espinha dorsal da *Revista Light*. O artigo “Trabalhar sorrindo”, de 1929, do jornalista e poeta Bastos Tigre, mais conhecido pelos seus *slogans* publicitários, entre eles o “Se é Bayer é bom”, segue o mesmo pensamento. Para Tigre, não há martírio maior do que o ser humano viver no ócio ou sem fazer nada, pois o trabalho é da natureza humana, até mesmo quando o operário busca no descanso o esporte, a dança, pois estes “ainda são trabalho”. Por isso, não há outra forma de trabalhar do que aceitar o labor com alegria. Para o autor, o trabalhador não existe como indivíduo com escolhas, tem que aceitar sua vocação, que seria própria da sua índole, com “as nossas disposições musculares e mentais”. Afinal:

Reflitamos: cada um de nós é uma peça pequenina, infinitesimal na grande máquina do progresso do mundo e, em particular, de nossa pátria; é sempre importante o nosso papel na ação conjunta, se o desempenharmos com perícia, a tempo e à hora.

57 Revista Light, ago. 1928, p. 32.

Se nos cerca um ambiente de alegria e de bom humor, se a nossa colaboração se faz de boa vontade, é isso meio caminho andado para a eficiência da nossa operosidade e para que ela se nos torne leve, suave e deleitosa.⁵⁸

Em um texto do diretor artístico da *Revista Light* e desenhista renomado Calixto Cordeiro, o “K.lixto”, ele expressa a função do periódico no artigo “A menina do tear”. A metáfora se constrói na ideia de uma visita a uma fábrica de tecidos, onde, por algum desarranjo mecânico, o tear parou de funcionar, mas graças a uma tecelã, que como “nada tivesse de anormal, apanhou com os dedos ágeis e afeitos ao serviço, duas pontas de um fio que se arrebetara e profissionalmente ligou-as”. A disciplina e a resistência aos empecilhos da maquinaria fizeram com que a menina do tear compreendesse sua função. Segundo o autor, a *Light* é um “imenso tear do progresso da cidade”, mas mais do que isso, a revista, que chegara aos seus nove anos de existência, com o centésimo número naquele ano, considerava esse tear a composição de união entre o patrão e operário na empresa:

A tecelã é uma menina de 9 anos de nome Revista. Chamam-na “Light”, nome de família a que pertence.

Seu serviço é também ligar o fio funcionário ao fio diretoria. É ela o traço de união entre o operário e o capataz, entre o funcionário e o chefe, entre o chefe e o diretor e todos em si, para um entendimento geral afim de que todos juntos cheguem ao mesmo resultado; e esse é o interesse recíproco de tecer o pano de sua subsistência.⁵⁹

Nesse sentido, é compreensível não apenas que a *Revista Light* também apresente os operários nas páginas de seus números, como os mostre como membros fundamentais de um corpo de trabalho sem distinções. Aproximar, estreitar os laços entre os chefes e os operários requer um processo de convencimento gradual, que o Departamento de Publicidade e Propaganda apresentou como a estrutura de sua proposta.

Na grande maioria dos números da *Revista Light*, era possível encontrar a seção “Visitas à Cidade Light” onde eram retratadas com muitas fotografias e reprodução de discursos ou comentários. As visitas ao principal complexo fabril da *Light* tinham se tornado parte do itinerário pela Comissão Municipal de Turismo do Rio de Janeiro, afinal, até “mesmo um poeta como Walt Whitman encontraria nos seus músculos de aço e de cimento a poesia dinâmica da vida moderna”.⁶⁰ As visitas eram bastante diversas – de técnicos de engenharia a políticos e autoridades – e constantemente retratadas; algumas com maior destaque em suas edições como o prefeito do Distrito Federal Antônio Prado Júnior e o ministro da Viação Victor Konder (agosto/1928), do presidente Washington Luís (agosto/1928), do arcebispo D. Sebastião Leme (julho/1933), do diretor-geral substituto do Departamento Nacional do Trabalho Custódio Viveiros (maio/1934), do diretor-geral, também do mesmo departamento, Affonso Toledo Bandeira (junho/1934), da Comissão de Legislação Social da Câmara

58 Ibidem, 1929, p. 25.

59 Revista Light, maio 1936, p. 50.

60 Ibidem, out. 1933, p. 26.

(julho/1935), dos jornalistas de São Paulo (novembro/1935), dos vereadores do Rio de Janeiro (fevereiro/1936), do ministro da Guerra João Gomes (junho/1936), Getúlio Vargas e o Ministro da Educação Gustavo Capanema (janeiro/1937), do Sindicato Nacional de Engenheiros (maio/1937) ministro do Trabalho Waldemar Falcão (abril/1938). Entre outras tantas visitas, as apontadas foram extensamente fotografadas de acordo com o grau de relevância política do visitante, como por exemplo, no caso de D. Sebastião Leme em 1933 e de Getúlio Vargas em 1937. Ao retratar cada detalhe do trajeto dos visitantes, especialmente os atores políticos e fiscais do Departamento Nacional do Trabalho, a *Revista Light* também buscava evidenciar o grau de modernização e desenvolvimento da empresa, tanto no aspecto técnico quando no cumprimento das medidas trabalhistas do Estado.

É importante ressaltar que nos três primeiros anos da *Revista Light*, os textos e notícias pouco abordavam as questões sociais e nacionais; os primeiros números estavam mais voltados em retratar os eventos sociais dos chefes, com menos páginas e mais espaços para os anunciantes. Já no ano de 1932, especialmente com o número “Ordem e Progresso” de maio – uma resposta às tentativas de greve dos operários da Light carioca – é possível identificar uma mudança num esforço cada vez maior em retratar o trabalho, os operários e também algumas questões políticas. É também nesse contexto que as visitas de autoridades políticas passam a ser mais extensamente retratadas na revista.

Uma das seções mais importantes e que ocupava boa parte da revista era a dos esportes entre os operários, o chamado “*Sportman* da Light” ou a “Educação Física”. Como vimos, segundo o artigo de Bastos Tigre, o esporte ou a atividade física fora da fábrica, do trabalho profissional, era também entendida em essência como esforço, como trabalho. Em muitas biografias dos operários retratados, a prática do esporte pelo operário aparece junto de outras qualificações prestigiadas, como o retrato apresentado do trabalhador Abner Soares, que era “inteligente, trabalhador, ativo, além de um excelente funcionário e também um *sportman* entusiasta”.⁶¹

O esporte formaria o caráter, imprimiria a disciplina e a lealdade no espaço da fábrica, objetivos tão estimados pela direção da empresa. Como apontou Alcir Lenharo, nesse período houve um esforço em criar um sentido direto entre a consciência social do bem-estar coletivo com o aprimoramento físico; era também papel do Estado, como será também assumido por ele, o preparo físico e suas “repercussões no mundo do trabalho”.⁶² Segundo o superintendente-geral da Light do Rio de Janeiro, J.M. Bell:

Corpo forte, espírito nobre; eis o *sportman*. Nos jogos aprende a lealdade, o cavalheirismo, a nobreza de pensamentos, o respeito aos adversários de momento, mas companheiros de sempre e o esforço inteligente e disciplinado. Pois, não proceda de outra forma fora dos campos esportivos para que possa ser um homem.⁶³

61 Revista Light, jun. 1928.

62 LENHARO, Alcir. **Sacralização da Política**. Campinas, Papirus, 1986. p. 78.

63 Revista Light, dez. 1929, p. 27.

Essa perspectiva colocava o operário que praticava esportes muito mais afastado das insurgências, das greves e da consciência do processo de exploração do trabalho e, conseqüentemente, mais integrado dentro do ambiente de disciplina proposto e almejado pelo capital. Essa nova educação física, extensamente retratada na *Revista Light*, almejava um equilíbrio e compreensão do trabalhador das suas obrigações como peça na engrenagem coletiva. Como na fala do diretor do Departamento Social Gilbert Hearn, “o *sportman*, porque é forte, está sempre de bom humor. E mais ainda: melhor do que outros, ele sabe assumir uma responsabilidade, honrar um compromisso, cumprir a obrigação”.⁶⁴ Como aponta Lenharo, a educação do corpo era compreendida como parte do equilíbrio espiritual,⁶⁵ ou seja, o corpo convenientemente educado e dócil favoreceria a disciplinarização do trabalhador. Nesse sentido, é natural que a *Revista Light* assuma em suas páginas o incentivo à prática de esportes aos trabalhadores da empresa, para a diminuição dos conflitos e na aceitação do operário a sua condição:

A projeção mesma de uma parte física e equilibrada com a espiritual dimensiona um conjunto social equilibrado, no qual as tensões e conflitos ficam fora de um lugar pela natureza singular de sua constituição. Afinal, um projeto articulado de corporativização avança nos anos 30 e a imagem do corpo humano impunha-se como necessariamente positiva e acabada para o conjunto da sociedade.⁶⁶

Por isso a presença militar na *Revista Light*, principalmente o Centro Militar de Educação Física, voltado aos filhos dos operários, era tão prestigiada. Por intermédio de uma carta especial do general Góes Monteiro – nomeado ministro da Guerra em 1934 –, o Departamento de Publicidade da Light, na pessoa do diretor Álvaro Guanabara, se aproxima do Centro Militar:

Com vivo interesse vos apresento o Sr. Álvaro Guanabara, do Dep. de Publicidade da Light, que aí vai para conversar sobre assunto que se liga a esse Centro de Educação Física.

Está o Sr. Guanabara grandemente empenhado na solução do patriótico problema da Educação geral (física, intelectual e moral) do pessoal da Light, e já conta com o apoio de elementos de valor intelectual e profissional, no meio civil.

Penso que o Exército também deverá apoiá-lo, principalmente na parte concernente à educação física, para isso faz-se necessário que lhe seja facilitado obter instruções e meios de poder dar início ao seu nobre trabalho.

Do camarada e admirador,

General P. Goes⁶⁷

Na Light, nesse período, os discursos relativos aos esportes também passam a ter esse estreitamento com a formação do caráter cívico. Álvaro Guanabara, com o artigo “Os homens de esporte da Light estão realizando uma obra nacional”, de 1933, compreende que a Light, com sua iniciativa particular, fazia um processo de cooperação com o Estado brasileiro; juntos

64 *Revista Light*, dez. 1929, p. 27.

65 LENHARO, op. cit., p. 77.

66 *Ibidem*, p. 79

67 *Revista Light*, mar. 1933, p. 15.

estavam realizando uma “verdadeira obra nacional”. Os trabalhadores que praticam esportes, inclusive os jovens, seriam parte de um grande exército para contribuir com a nação:

Somos na Companhia quase 20.000 homens a que se juntam as nossas mães e esposas, e assim formamos um exército que vai agir para ajudar a formação do Brasil de amanhã. São 30 mil ou 40 mil brasileiros dispostos a dar o exemplo do esforço em favor da infância e da mocidade, e que, com a cooperação do Estado, da Companhia e de quantas organizações puderem ajudar, iniciam uma obra que ainda ninguém fez, e que uma vez vencedora, será imitada no país inteiro.⁶⁸

Para Guanabara, os homens dos esportes da Light seriam meios importantes para a construção do fortalecimento da unidade da pátria: cidadãos esclarecidos sobre seu papel de sacrifício e de apoio ao governo.⁶⁹



Fonte: Revista Light, jan. 1935, p. 22.

O Estado varguista não ficou alheio à centralidade do esporte, compreendeu a sua utilidade pedagógica no processo de consolidação de seus pressupostos ideológicos. Para o Estado, o esporte auxiliaria na construção da solidariedade e identidade nacional, assim afastando o trabalhador de qualquer anseio individualista.⁷⁰ A seção voltada para os esportes e a educação física era primordial para construção do trabalhador ideal para a Light, assim como para Estado brasileiro de Vargas.

Considerações finais

A *REVISTA LIGHT*, como demonstrado resumidamente no presente artigo, procurou abordar vários elementos do cotidiano de suas fábricas, oficinas e escritórios no Brasil: elogio aos operários que se destacavam pelo bom cumprimento do trabalho, a crítica e a busca pela

68 Revista Light, abr. 1933, p. 10.

69 Ibidem, p. 10.

70 SOUZA, Denaldo Alchorne de. Futebol e gênero no Brasil. *Caderno Espaço Feminino*, v. 22, n. 2, ago./dez. 2009, p. 174.

dissuasão da autonomia dos trabalhadores e das greves, as orientações de comportamento dos trabalhadores e os artigos de intelectuais, jornalistas e figuras públicas que, além de frequentarem as páginas do periódico, também constantemente visitavam as oficinas e escritórios, principalmente políticos e técnicos do Ministério do Trabalho. A presença dos intelectuais na revista, dos membros das mais variadas hierarquias da Igreja Católica, dos oficiais do Exército do Centro Militar de Educação Física, dos ministros e políticos alinhados aos pressupostos do Estado autoritário da década de 1930, além de um corpo editorial experiente e respaldado pela imprensa hegemônica do período, alinhado aos interesses da empresa, se mostraram fundamentais nessa relação de persuasão dos trabalhadores. Em todas essas abordagens temáticas, dois eixos aparecem com mais recorrência de forma direta ou indireta: a valorização do bom trabalhador e o enaltecimento da harmonia entre os operários – entre eles e com seus chefes – como elemento primordial para o desenvolvimento da empresa e do país.

As categorias não competitivas e hierarquicamente ordenadas, como apontou Philippe Schmitter, são os elementos centrais para compreender o mecanismo corporativista presente nas páginas da *Revista Light*.⁷¹ A construção discursiva da *Revista Light*, no processo de incorporação dos seus trabalhadores aos seus pressupostos ideológicos, expõe modos e métodos encontrados pelo Departamento de Publicidade e Propaganda, na busca por diminuir as tensões entre o capital e o trabalho e convencer sobre a importância da subordinação do operário para a prosperidade da empresa.

É importante mencionar que, embora existisse, mais especificamente nos primeiros anos do governo provisório, uma relação institucional muitas vezes conflituosa entre o Estado varguista e a *Light*, especialmente nas questões relativas ao Conselho Nacional do Trabalho, ambos poderiam estar mais alinhados, mesmo que indiretamente, em relação à valorização do trabalho como elemento moral, na construção ideológica da harmonização das classes sociais e no combate às ideias tidas como subversivas. Esse alinhamento fica mais compreensível quando analisamos mais profundamente o percurso das edições da *Revista Light*; no modo como o periódico arquitetou suas escolhas, cada vez mais semelhantes ao corporativismo do Estado autoritário. A edificação do pensamento nas publicações era feita com muito cuidado, entendendo que seu leitor é sobretudo o seu trabalhador; os desenhos, os recortes, as fotografias, as colunas são meticulosamente ordenadas, na tentativa de aparar as possíveis interpretações destoantes ou individuais; o desdobramento, conforme a revista expõe suas camadas, nos confirma as características de formulação, seus desígnios e propósitos.

Recebido em 05/04/2021

Aprovado em 03/08/2021

71 SCHMITTER, Philippe C. Still the century of corporatism? *The Review of politics*, v. 36, jan. 1974, p. 43-44.